

# O LADO POSITIVO DA CRISE

**MOACYR SCLIAR**

[Escritor e membro da Academia Brasileira de Letras]

A palavra crise pode ser empregada em múltiplos contextos. Mas, seja qual for o contexto, a conotação não é agradável, pelo contrário: crise é uma palavra que causa apreensão, dá sobressaltos, estejamos nós falando de uma crise pessoal, de uma crise espiritual, de uma crise de empresa, de uma crise política ou, como foi o caso ainda recente, de uma crise da economia mundial. Mas, a gente se pergunta, será que não dá para ver crise de outra maneira, de uma maneira mais positiva? E aí lembramos a clássica alusão ao ideograma chinês para a palavra “crise”, que também significa “oportunidade”. Lembramos igualmente a frase do filósofo Nietzsche, para quem aquilo que não nos mata nos faz crescer – uma ideia que tem na crise o seu paradigma.

Como médico interessado na história da medicina, lembro aqui outra acepção da palavra crise, esta bem mais antiga, mas muito significativa. Hoje, crise tem, na prática médica, um significado tão alarmante quanto aquele que se constata em outras áreas. Falamos de uma crise de angina de peito, por exemplo, para indicar uma situação que exige intervenção imediata.

Mas nem sempre foi assim. Existe uma antiga concepção médica, atualmente esquecida, mas é muito simbólica e até certo ponto consoladora. Foi formulada por ninguém menos que o pai da medicina, o grego Hipócrates, que viveu mais ou menos entre 460-377 a. C. Hipócrates revolucionou a prática médica. Antes, predominava a concepção mágico-religiosa da doença, que seria resultado da punição divina ou da ação de espíritos malignos. Em uma vasta obra que por séculos serviu como referência básica para os médicos, Hipócrates e seus discípulos sustentavam que a enfermidade é coisa natural, resultado do estilo de vida, das condições ambientais. Mas eles encontravam muitos problemas na prática clínica. Naquela época não havia radiografia, nem exames de laboratório, nem mesmo estetoscópio ou termômetro. Hipócrates tinha de confiar,

portanto, no seu poder de observação, um poder que desenvolveu de forma notável. Em seus escritos assinala que, em uma doença febril, pneumonia, por exemplo, a temperatura corporal pode cair de duas maneiras: devagar e com pequenas oscilações, constituindo a chamada lise ou rapidamente, acompanhada de sudorese abundante – a crise.

O que é melhor, a lise ou a crise? Hipócrates não tem dúvidas: a crise é o bom sinal. Significa que o organismo, à beira da catástrofe, subitamente reagiu contra a doença, vencendo-a. A lise, pelo contrário, não significa melhora, mas sim piora; a gradual queda da temperatura nada tem de animador: traduz uma progressiva desistência do corpo na luta pela vida, com mau prognóstico.

Este conceito de crise nos faz pensar. Certo, gostaríamos de uma vida sem crises, como gostaríamos de uma vida sem doenças. Mas esta é uma aspiração praticamente impossível. A ameaça de enfermidade está sempre presente, na comida que comemos, no ar que respiramos, no nosso modo de vida. Crise também. De maneira geral, faz parte de nossa existência. O jeito é, pois, enfrentá-la, da mesma maneira que o organismo enfrenta a doença. O corpo tem suas defesas contra micróbios. E nós, o que podemos fazer em caso de crise? O mesmo que Hipócrates: observar, raciocinar. E, raciocinando, chegaremos, como o pai da medicina, à conclusão de que crise tem um significado. Crise significa mudança. Há riscos na mudança? Sem dúvida. Mas são os riscos da própria vida; viver, como dizia Guimarães Rosa, é muito perigoso. Perigos, porém, a gente enfrenta do mesmo modo como temos de enfrentar a crise. E enfrentar a crise significa, antes de mais nada, mudar, alterar nossos rumos no plano pessoal ou profissional ou existencial. Mudando, teremos aproveitado a lição da crise. Sairemos dela como os pacientes que Hipócrates observava: fracos, exaustos – mas vivos e prontos para outra.